

067/97

0324

VIEIRA E BOSSUET, EXPRESSÕES MAIORES DO SÉCULO XVII

*Ives Gandra da Silva Martins**

Vieira e Bossuet foram as duas expressões maiores da oratória sacra do século XVII, com estilos que, muitas vezes, se assemelham e, outras vezes, se distanciam.

Um pregou em francês e por isto é mais conhecido no mundo. Outro, em português, sendo mais conhecido nos países de língua portuguesa, com aceitação considerável nos países de língua castelhana.

Trataram dos mesmos temas, sendo seus sermões preparados para as missas e voltados às festas e Santos dos dias. Os quatro volumes de Bossuet editados pela Librairie Garnier Frères e os 15 volumes de Vieira pela Lello & Irmão do Porto ofertam ao leitor uma panorâmica admirável dos notáveis escritores, oradores e sermonistas, que foram Bossuet e Vieira.

Os dois foram respeitados pelo povo e pela realeza e pregaram nos mais variados lugares, tendo Vieira ampliado seu campo de pregação, pois o fez em Portugal e no Brasil.

Bossuet se utilizava menos das oposições entre os temas e dos conflitos entre o bem e o mal e procurava aperfeiçoar-se, como um escafandrista das idéias em cada assunto, muitas vezes sendo mais filósofo que pregador, mais pensador que sacerdote, mais expositor de reflexão acadêmica que mensageiro de Deus.

* Professor Emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Presidente da Academia Internacional de Direito e Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Pertence à Academia Paulista de Letras e à Academia Lusitana de Ciências, Letras e Artes. É poeta.

Vieira, ao contrário, sem nunca ser superficial, buscava convencer os fiéis da riqueza da palavra e do exemplo dos santos e da grandeza de Deus, com imagens que, por sua exuberância e lógica, convenciam ou faziam seu ouvinte refletir sobre sua função no mundo. E não tinha receios de qualquer espécie. Falava igualmente a reis, nobres e povo, como, por exemplo, no sermão do dia da Juízo, em que, ao lembrar quais seriam os escolhidos por suas obras e julgados depois no Céu, foi excluindo os reis, os nobres, os poderosos por não terem sido cristãos durante a vida. E pregava aos próprios reis...

Nada temia Vieira. Embora tenha sido diplomata de relevo, com missões importantes atribuídas pelo Reino, foi também, por sua coragem e indomável espírito, perseguido e, de certa forma, "exilado", quando não se curvou a certas exigências do Rei de Portugal.

Bossuet era sacerdote mais voltado à especulação filosófica ao estilo rebuscado, aos argumentos precisos, à expressão que causava admiração pelo brilho e riqueza da exposição. Muitas vezes, a forma superava a própria idéia, que sempre era trabalhada, com rigor e perfeição.

Vieira, ao contrário, era o sacerdote pleno, o político inteiramente consciente de sua função pastoral, com um estilo mais direto, mais penetrante, em que as idéias dilaceravam o ouvinte pela força de convicção. Embora a forma fosse rica, as idéias eram sempre superiores. E o interessante é que, em cada um de seus sermões, Vieira utilizava sempre poucos temas, às vezes um só, e conseguia trabalhá-lo de tal maneira que, ao final, o ouvinte saía impregnado daquela idéia-chave para o resto da vida.

Tomo, por exemplo, dois sermões, um de Bossuet, outro de Vieira, pregados para o 1º domingo do Advento.

Ambos proferiram diversos e diferentes sermões sobre o primeiro domingo do Advento. Falo, todavia, daqueles que foram publicados em primeiro lugar, em ambas as edições citadas neste artigo.

Os dois principiam a discorrer sobre o dia do Juízo, Bossuet, de forma mais filosófica e serena, Vieira como um verdadeiro turbilhão. Reproduzo os textos iniciais:

Bossuet: "Encore que dans le moment que notre âme sortira du corps elle doit être jugée en dernier ressort, et l'affaire de notre salut immuablement décidée; toutefois il a plu à Dieu que non obstant ce premier arrêt, nous ayons encore à craindre un autre examen et une terrible révision de notre

procès au jugement dernier et universel. Car comme l'âme a péché conjointement avec le corps, il est juste qu'elle soit jugée aussi bien que punie avec son complice, et que le Fils de Dieu qui a pris la nature humaine tout à entière, soumette aussi l'homme tout entier à l'autorité de son tribunal. C'est pourquoi nous sommes tous ajournés après la résurrection générale pour comparaitre de nouveau devant ce tribunal redoutable; afin que tous les pécheurs étant appelés et représentés en corps et en âme, c'est-à-dire, dans l'intégrité de leur nature, ils reçoivent aussi la mesure entière et le comble de leur supplice. Et c'est ce qui donne lieu à ce dernier jugement qui nous est proposé dans notre Évangile.

Mais pourquoi ces grandes assises, pourquoi cette solennelle convocation et cette assemblée générale du genre humain? Pourquoi, pensez-vous, messieurs, si ce n'est que ce dernier jour, qui est appelé dans les saintes lettres 'un' jour d'obscurité et de nuage, un jour de tourbillon, et 'de tempête, un jour de calamité et d'angoisse', y est aussi appelé 'aun jour de confusion et d'ignominie?' Voici une vérité éternelle: il est juste et très-just que celui qui fait mal soit couvert de honte; que quiconque a trop osé soit confondu; et que le pécheur soit déshonoré, non-seulement par les autres, mais par lui-même, c'est-à-dire par la rouger de son front, par la confusion de sa face, par le reproche public de sa conscience" (Sermons, Tome Premier, Librairie Garnier Frères, Paris, p. 155);

Vieira: "Abrazado, finalmente, o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra (dou principio a este sermão sem principio, porque já disse Quintiliano que as grandes acções não hão mister exordio: ellas per si mesmas, ou supõem a attenção ou a conciliam. Tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes que precederão ao Juízo, porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão-de ser vivos n'aquell tempo, e não a nós; e no dia de hoje é muito de tratar cada um só do que lhe pertence). Abrazado pois o mundo, e consumido pela violencia do fogo tudo o que a soberba dos homens, e o esquecimento d'este dia levantou e edificou na terra: quando já não se verão n'este formoso e dilatado mappa senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de nossa vaidade, soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba*): e obedecendo aos imperios d'aquella voz o céo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra, abrir-se-hão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-nos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mor-

tos? Ora repara em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina; penetrae o mais interior e retirado d'aquellas soledades: que é que védes? N'aquella cova vereis mettido um Hilarião, n'aquella outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio: aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio: de outra parte, uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a este estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou n'estes cilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu n'essas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronymo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis, surgite mortui, venite ad iudicium*. Sabeis quem vos vestiu d'estas mortalhas, sabeis quem vos fechou n'estas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa que ha-de soar no ultimo dia: levantaes-vos, mortos, e vinde a Juízo. Pois se a voz d'esta trombeta só imaginada, (pesae bem a consequencia) se a voz d'esta trombeta só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que quando soar verdadeiramente seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortos! Credes, mortaes, que ha-de haver Juízo? Uma das duas é certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora pudera ser com proveito. Quando melhor fôra chorar agora e arrepende agora como faziam aquelles, e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepende depois, quando para as lagrimas não ha-de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos" (*Sermões*, v. I, Lello & Irmão Editores, Porto, 1945, pp. 37-38).

A temática é a mesma. O dia do Juízo é lembrado. De forma mais reflexiva por parte de Bossuet, de forma mais impetuosa por parte de Vieira. Duas lindas introduções, com maior poder de catequese naquela de Vieira do que na de Bossuet.

Escolho um segundo sermão sobre um mesmo tema. O pregado pelo nascimento do Senhor Deus do Universo.

Bossuet principia, com serenidade e poesia:

"Celui-ci, cet enfant qui vient de naître, dont les anges célèbrent la naissance, que les bergers viennent adorer dans sa crèche, que les Mages viendront

bientôt rechercher des extrémités de l'Orient, que VOUS verrez dans quarante jours présenté au temple, et mis entre les mains du saint vieillard Siméon: "cet enfant, dis-je, est établi pour "la ruine et pour la résurrection de plusieurs dans Israel, "non-seulement parmi les Gentils, mas encore dans le peuple de Dieu et dans l'Église qui est le vrai Israel; "et pour être en butte aux contradictions; et votre "âme sera percée d'une épée: et tout cela se fera, "afin que les pensées que plusieurs tiennent cachées dans "leurs coeurs soient découvertes".

La religion est un sentiment composé de crainte et de joie: elle inspire de la terreur à l'homme, parce qu'il est pécheur; elle lui inspire de la joie, parce qu'il est pécheur; elle lui inspire de la joie, parce qu'il espère la rémission de ses péchés: elle lui inspire de la terreur, parce que Dieu est juste; et de la joie, parce qu'il est bom. Il faut que l'homme tremble et qu'il soit saisi de frayeur, lorsqu'il sent en lui-même tant de mauvaises inclinations; mais il faut qu'il se réjouisse et qu'il se console, quand il voit venir un Sauveur et un médecin pour le guérir.

C'est pourquoi le Psalmiste chantait: "Réjouissez-vous "devant Dieu avec tremblement: "réjouissez-vous par rapport à lui, mais tremblez par rapport à vous; parce qu'encore que par lui-même il ne vous apporte que du bien, vos crimes et votre malice pourront-être l'obliger à vous faire du mal. C'est dono pour cotto raison que Jésus Christ esta établi non-seulement pour la résurrection, mais encore pour la ruine de plusieurs en Israel. Et vous ne trouverez pas mauvais que j'anticipe ce discours prophétique du saint vieillard Siméon, pour vous donner une idée parfaite du mystère de Jésus-Christ qui naît aujourd'hui" (*Sermões*, Tome Premier, ob. cit., p. 364).

Vieira, ao contrário, com a veemência dos grandes temas e com a certeza de que Deus fala por sua boca — porque é Deus que sempre fala — diz:

"A quem se escusa de fallar em publico, porque não póde, ainda que saiba, aceita Deus a escusa: e a quem, como eu, se escusa, porque não póde, nem sabe, talvez a não aceitem os que estão em lugar de Deus. Mas nem a Deus, nem aos que estão em seu lugar, se pódem perguntar os porquês: obedecel-os sim, muda e cegamente.

A quem Deus aceitou a escusa, porque não podia, posto que sabia, foi Moysés. Sabia; porque, como diz S. Paulo, era eruditissimo em todas as sciencias do Egypto, e, como elle mesmo confessou, eloquente n'ellas: *Eloquens ab heri, et nudius tertius*: mas não podia; porque depois que viu e

ouviu a Deus na sarça, ficou com língua impedida, e quasi mudo: *Ex quo locutus es ad servum tuum, tadoris, et impeditioris linguis sum*. O meio, pois, ou expediente, que Deus tomou n'este caso, foi dar ao mesmo Moysés um substituto que fallasse por elle. E que substituto foi este? Moysés queria e propoz que fôsse o Messias: *Mitte quem missurus es*. Mas porque a commissão da liberdade de um povo era muito desigual empresa para quem estava destinado para libertador e salvador de todo o mundo, substituiu o defeito de Moysés, a lingua e eloquencia de Arão seu irmão: *Aaron frater tuus, scio, quia eloquens sit, ipse loquetur pro te ad populum, et erit os tuum*. O bemdita seja a bondade e providencia do Altissimo, tão liberal hoje para commigo! O que Deus deu a Moysés, e o que negou a Moysés, tudo me concedeu a mim. Eu era o que havia de prègar hoje, e não sabia nem podia; mas substituirá a minha ignorancia e a minha incapacidade... Quem? O Messias e o Irmão. O Messias, disse o anjo aos Pastores, que nasceu hoje; *Quia natus est vobis hodie Salvador*; e o irmão, tambem diz o Evangelista S. Lucas, que nasceu hoje: *Impleti sunt dies, ut pareret, et peperit Filium suum primogenitum*. Christo, assim como é Filho unico e Unigenito de seu Pai, assim é unico e Unigenito de sua mãe: e comtudo, diz o Evangelista, que nasceu primogenito; porque como hoje nasceu-homem, hoje nasceu irmão de todos os homens: *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus*. Este é, pois, o soberano Substituto, (que tantas vezes se tem dignado substituir o lugar dos obedientes) este é o soberano Prègador que hoje havemos de ouvir e vêr: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est*. Não sou eu o que hei-de prègar o nascimento de Christo: o mesmo Christo nascido é o que ha-de prègar o seu nascimento.

O proverbio antigo diz: *Poeta nascitur, orator fit*. Mas o Orador que hoje se fez: *Quod factum est*, tambem hoje nasceu Orador: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo et pradicans ejus. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te*. O Verbo do nosso Texto: *Videamus hoc Verbum* chama-se *Logos*; com que parece que pertence mais à logica, que é rhetorica e oratoria; mas como a oratoria *Est ars ornatè dicendi*, depois que o Verbo se vestiu e ornou de humanidade: *Verbum caro factum est*, mais pertence à oratória tudo o que ha-de dizer e prègar. Se o prègador houvera de ser outro, aqui era o lugar de pedir a graça; mas como elle é o que a dá a todos, só a tomarei a venia á sempre Virgem Mãe, em cujos braços o adoraram os Pastores, saudando-a com a costumada *Ave Maria*" (*Sermões*, ob. cit., pp. 275-276).

O polemista culto que busca convencer, conquistar e catequizar é mais presente em Vieira que em Bossuet. O pensador, que se apraz com suas

próprias idéias e espera que a elegância da forma seja o instrumento da Voz de Deus, é mais presente em Bossuet que em Vieira.

Poderia continuar a análise dos dois estilos daqueles que foram, sem dúvida alguma, as maiores expressões mundiais "da sermônica", com inúmeros outros escritos sobre os mesmos temas. Mas o resultado seria sempre o mesmo, visto que o estilo, como dizia Buffon, é o próprio homem e os estilos dos dois, surpreendentemente diversos, tinham a mesma força de convicção abrangente que comovia e levava multidões a amar o Seu Criador.

Convenço-me de que Bossuet é mais conhecido em todo o mundo apenas por ter escrito em francês. Convencido estou, também, de que no dia em que o português for tão difundido quanto o francês — e os tempos dos novos povos e das novas alianças (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique) aproxima-se, para maior expansão de nosso idioma — Vieira estará não só em nível de valor onde sempre esteve, mas de reconhecimento mundial, que ainda não tem, no mesmo patamar de Bossuet.

Foram os maiores pregadores da época e talvez os maiores pregadores da História da Igreja Católica. Por ser mais culto, mais grandioso, mais impulsivo, embora menos reflexivo, prefiro Vieira.

VOZ LUSÍADA

REVISTA DA ACADEMIA LUSÍADA
DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES



N. 9 - SEGUNDO SEMESTRE DE 1997 - SÃO PAULO